

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DA LINGUAGEM MIDIÁTICA VERBAL E NÃO VERBAL

ENVIRONMENTAL EDUCATION THROUGH VERBAL AND NON-VERBAL MEDIA LANGUAGE

Andreine Lizandra dos Santos¹

Resumo: O presente artigo visa analisar o conteúdo da linguagem verbal e não verbal da mídia impressa como instrumento de promoção da educação ambiental. E, assim, analisar jornais e revistas que são de uso cotidiano, para ampliar e conscientizar os alunos da proposta socioambiental. É através de atividades como essa que os alunos desenvolvem habilidades e formam seu conhecimento sobre o problema ambiental, além de ajudar na sua formação e identidade na sociedade. Assim, o presente projeto foi desenvolvido com alunos do 1º ano do Ensino Médio Politécnico, justificado pela necessidade de ter-se um trabalho feito com esse grupo de alunos, uma vez que nunca o tiveram. A metodologia utilizada baseou-se na aplicação de atividades que promovessem uma mudança de hábito na leitura das imagens e palavras contidas em jornais e revistas, através de uma palestra, confecção de frases, resenhas e textos. São projetos como esse que auxiliam os professores a utilizarem atividades práticas enfocando a educação ambiental. E, além disso, é natural que ocorra quando os estudantes se envolvem de forma espontânea nas atividades.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Linguagem. Mídia. Ambiente escolar.

Abstract: This article aims to analyze the content of verbal and non-verbal language in print media as an instrument for promoting environmental education. Therefore, it analyzes newspapers and magazines that are of daily use, to broaden and make students aware of the socio-environmental proposal. It is through activities such as these that students develop skills and form their knowledge about the environmental problem. They also help in their formation and identity in society. Thus, the present project was developed with students of the 1st year of High School, and it was justified by the need to have a work done with this group of students, since they had never had it. The methodology used was based on the application of activities that would promote a change of habits in the reading of the images and words contained in newspapers and magazines, through a lecture, creation of statements, reviews and texts. Projects such as this one help teachers to use practical activities focusing on environmental education. In addition, there is the natural stimulus that occurs when students engage spontaneously in activities.

Keywords: Environmental education. Language. Media. School environment.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto desenvolvido em uma escola pública estadual, que teve por objetivo investigar as formas de representação com que a mídia tem sido vista através da linguagem. E, além disso, levar à reflexão e ao desenvolvimento de ações nos alunos do primeiro ano do Ensino Médio do noturno dessa

escola estadual na cidade de Campo Bom, frente à necessidade de conscientização em relação à educação ambiental. Pretendeu-se assim, a partir dos meios de comunicação, verificar o seu verdadeiro alcance tendo por base a ideia de que não só a escola educa, mas sim a sociedade em seu conjunto. Assim, a responsabilidade para com o meio em que se vive é de todos. Dessa for-

¹ Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Especialista em Educação Ambiental pela Fundação Universidade do Rio Grande (FURG). Mestre em Desenvolvimento Regional pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: santos.andreine@gmail.com.

ma, mostra-se essencial refletir sobre o conteúdo da linguagem usada pelos meios de comunicação, que são instrumentos de divulgação da educação ambiental, bem como analisar alguns tipos de mídias que existem no cotidiano, formar multiplicadores e ampliar, com isso, a conscientização e a responsabilidade socioambiental dos indivíduos em geral.

Então, a necessidade de uma consciência crítica sobre os problemas do ambiente é indiscutível, e a prova disso encontra-se no nosso cotidiano, nos jornais, nas revistas, na Internet e na mídia em geral. Para tanto, os indivíduos precisam ser despertados para que esta tomada de consciência se alastre entre os presentes e se perpetue para as futuras gerações. Pois os meios de comunicação sofreram uma revolução sem precedentes nos últimos anos, refletindo em todos os setores da sociedade. Antes tínhamos a TV, o rádio, jornais e revistas, e agora temos a internet, cuja comunicação espalhou-se ao redor do nosso planeta, atingindo e interligando uma gama de pessoas. Por isso, é importante fazermos uma reflexão sobre o uso da linguagem que estes meios de comunicação de massa vêm articulando a favor da educação ambiental. E, segundo Ordaz e Vala (1998), as informações trazidas pela mídia abordam ideias que são pensamentos de pessoas e assim passam a ser veiculadas pela mídia e acabam se caracterizando como um dos elementos que constituem o pensamento individual, grupal e coletivo. Sendo assim, a mídia, em especial as revistas, passam a ser um campo de estudo em que se pode buscar a construção das representações sociais.

Da mesma forma, é possível verificar, segundo Martínez (1982, p. 23), que, devido às várias transformações que ocorrem no mundo, temos, na comunicação social que “A multiplicação dos meios de comunicação cria uma rede sutil que envolve o homem onde quer que se encontre e o submete à sua influência e poder”. Nesse contexto a ideia do presente trabalho veio pelo fato da comunicação midiática ser parte do cotidiano, do entorno das pessoas, o que leva a pensar além, pois ação sem reflexão não sugere transformação, que é o que se quer quando se pensa em meio ambiente. E, para isso, tem-se na escola o ambiente ideal de associação com responsabilidade, colaboração e transformação da sociedade. Todas essas associações surgem da linguagem, que não é somente mais uma forma de comunicação ou de informação, mas sim um modo capaz de exercer um poder de persuasão sobre os indivíduos e de instrumento articulador e conscientizador.

E daí percebe-se que novas estratégias de ensino-aprendizagem são possíveis, uma vez que a mídia tem o poder de tornar mais dinâmico e motivador o seu entor-

no. Assim, é importante analisar no meio midiático as várias maneiras através das quais seu produto consegue atingir o público em geral. E, para isso, nada mais interessante do que se usem imagens, textos e frases de impacto como as usadas em revistas e jornais. Por isso, a linguagem verbal e a não verbal surgem como uma proposta de trabalho junto à educação ambiental por tratar-se de formas de comunicação. Quando se utiliza a palavra, ou seja, a linguagem oral ou escrita, utiliza-se a linguagem verbal, pois o código usado é a palavra. A linguagem verbal é a forma de comunicação mais presente em nosso cotidiano; mediante a palavra falada ou escrita, expomos aos outros as nossas ideias e pensamentos, comunicando-nos por meio desse código verbal, enquanto a linguagem não verbal não se utiliza da língua portuguesa, mas sim de imagens, códigos (o desenho, a dança, os sons, os gestos e outros).

Assim, a comunicação sempre foi, desde o início dos tempos, a forma usual para explorar qualquer pesquisa ou projeto, e, sabendo que o material impresso é também o meio mais usual e essencial para a informação, é importante, pois, que seja trabalhado em sala de aula. Eis que a mídia impressa deve ser usada para corrigir lacunas na prática da redação e como forma de reforçar a leitura como hábito. Pois, nos últimos anos, nota-se o alto índice de reprovação em provas como o Enem, o que demonstra dificuldades na compreensão dos textos e imagens usados na mídia impressa e, por conseguinte, na linguagem verbal e não verbal. Assim, é possível trabalhar competências e realizar um planejamento pedagógico focado no aprender pelo real entendimento, compreensão e reflexão.

Fica cada vez mais evidente a crescente necessidade de uma consciência crítica sobre os problemas do ambiente, e a prova disso encontra-se no nosso cotidiano, nos jornais, revistas, internet e na mídia em geral. A escola se caracteriza não como o único, mas um dos espaços em que a multiplicação de agentes de proteção ao ambiente é possível, bem como é de extrema importância que o professor fique atento às estratégias necessárias para isso.

E, para isso, a mídia impressa em particular é importante para que se possa então incorporar o tema às práticas de ensino-aprendizagem, muito embora as perspectivas da utilização das mídias em sala de aula caminhem para a participação efetiva dos professores como mediadores deste processo e do conhecimento dos alunos. O planejamento é outro fator de fundamental importância que está sendo aos poucos percebido como processo necessário à organização administrativa e pedagógica do contexto escolar. A partir disso, é possível

pensar atividades com as mídias como meio de diversificar as aulas e proporcionar novos usos para a aprendizagem, em que o tradicional possa, então, unir-se ao novo. Para isso, o presente artigo divide-se em metodologia, fundamentação teórica, que apresenta a explanação da educação ambiental e sua relação com as linguagens, a diferenciação entre linguagem verbal e não verbal e a mídia impressa na sala de aula; e, por fim, têm-se os resultados do projeto e as considerações finais acerca da sua realização.

2 METODOLOGIA

O projeto foi executado em uma escola pública estadual de Ensino Médio, sendo os sujeitos envolvidos alunos do primeiro ano do noturno, turma composta de 25 alunos, cujas idades variavam de 15 a 30 anos. A proposta teve como objetivo levar à reflexão e por sua vez à interpretação sobre qual o papel os meios de comunicação impressos sob a forma verbal e não verbal têm sobre as pessoas em geral. E, assim, captar as representações da “carga midiática”, que são percepções, no caso dos jornais e revistas, que estão representadas nesses meios de comunicação na contemporaneidade. Da mesma forma, a educação ambiental superou a ideia de ser um tema transversal, como transcrito nos PCNs, para agora fazer parte da grade curricular.

Assim, inicialmente o trabalho começou com uma palestra de um profissional da área de educação ambiental, a fim de trazer aos alunos o tema. Nesse primeiro contato, o profissional, além de expor o seu entendimento acerca do meio ambiente, abriu espaço para que os alunos fizessem seus questionamentos. Dentre as perguntas respondidas tem-se:

1. Existe lei para educação ambiental?
2. Todos os municípios devem ter leis para educação ambiental?
3. Como é feita a reciclagem?
4. Os municípios devem ter um local para reciclar, depositar seu lixo de forma diferenciada?

Os questionamentos do público foram respondidos satisfatoriamente pelo palestrante, de forma bem descontraída, através de debate e discussão.

Em um segundo momento, a atividade proposta foi uma resenha a ser elaborada a partir da palestra e dos questionamentos feitos, com o fim de refletir sobre o assunto. A atividade foi redigida de forma individual, para que dessa forma se pudesse avaliar não só a participação dos alunos, mas a reflexão sobre a temática, bem como, a elaboração de frases a partir de conceitos próprios de educação ambiental. Eis as frases que resultaram da atividade:

1. Educação ambiental é preservar o cenário ontem, hoje e sempre!
2. Educação ambiental significa respeitar a todos os seres sem distinção.
3. O respeito começa e termina com a preservação do meio ambiente.
4. A educação ambiental é ação constante.
5. A educação ambiental é responsabilidade de todos nós!

Outra atividade foi a utilização de imagens verbais e/ou não verbais que representassem a educação ambiental, retiradas de jornais. As ilustrações trazidas foram poucas, mas, mesmo assim, permitiram que se fizesse um trabalho. Da Internet captaram-se algumas imagens, que foram usadas para que os alunos fizessem uma releitura das mesmas, a qual se demonstrou de grande valia, tendo em vista a quantidade de imagens que passam por esse canal.

Os instrumentos avaliadores da amostragem foram os materiais produzidos pelos alunos, como textos, imagens, frases que constituíram uma coletânea de usos da linguagem midiática. Com efeito, levar em consideração que o importante é refletir sobre a intenção e a mensagem usada através daqueles materiais para então promover a educação ambiental e promover a transformação para condutas que movimentam uma sociedade consciente e orientada no que se relacione ao meio socioambiental.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação ambiental é um instrumento fundamental para a mudança de valores e práticas sociais. Ela é capaz de incorporar inúmeros conceitos de forma interdisciplinar, isto é, que envolva todas as áreas do conhecimento. Conforme declara Leff:

A EA não consiste simplesmente em dar um trato mais adequado às questões ambientais que já estão presentes (muitas vezes de maneira mais implícita que explícita) nos conteúdos curriculares de várias disciplinas, ou introduzir componentes ambientais a certas disciplinas, dando prioridade às ciências naturais e em particular à ecologia ou à geografia como campos interdisciplinares por natureza... se trata de construir um saber ambiental que se defina em relação a cada uma das disciplinas já constituídas, através de um processo social de produção do conhecimento (LEFF, 1996, p. 26).

E essa possibilidade, aliada às mídias e suas linguagens, permite transformar o ponto de vista das pessoas, auxiliando-as a desenvolverem uma melhor concepção e reflexão sobre o meio ambiente. E ainda levá-las a ajustarem suas relações com a natureza e com a

sociedade, agindo, assim, de acordo com os pressupostos da ecologia e da cidadania.

Embora, segundo Brüger (2004, p. 159), os meios de comunicação sejam propriedades de corporações, e como tal, reflitam o que elas querem e, por isso, possuam um caráter mercantil, o que se quer é realmente analisar a sua linguagem, e sugerir uma percepção para a reflexão, de caráter informativo, preventivo e de proteção. O ambiente escolar, por sua vez, tende sempre a ser destaque, já que é o meio ideal de promoção para o desenvolvimento do cidadão, pois, além do desenvolvimento de projetos pedagógicos, têm-se os diferentes olhares da sociedade e, por sua vez, de posicionamento e transformação social.

Por isso, o que se quer é fazer o que preconizam os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais: abranger o máximo de disciplinas possíveis, bem como vários temas e assuntos, a fim de fazer com que a EA percorra vários caminhos diferentes do saber, como declara Braga (2003). E, por outro lado, faz-se necessário despertar uma reflexão maior quanto à questão ambiental, pois não é recente que a crise ambiental se tem instalado em nosso planeta. A mídia tem a sua proporção divulgadora nisso. E não são raras as sensações de medo ou mesmo de descaso anunciados, a ponto de fazer-nos crer em tudo que nos é apontado. Garré (2012) declara que foi instaurada uma Pedagogia Cultural, que consiste em um indicativo de como se comportar, consumir e fazer, e então de aprender e produzir conhecimento.

A autora ainda verbaliza que muitos dos discursos midiáticos colocados em circulação levam os indivíduos a legitimar a opinião pública e a produzir modos de vida. Por isso, a educação ambiental tem nesses discursos um meio de atingir o coletivo para ações diárias benéficas e que levem as pessoas a aprender e a ensinar outras frente a qualquer crise que possa existir. E da mesma forma, a educação ambiental no Brasil aponta para a indisciplinabilidade, em que

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual (BRASIL, 1997, p. 15).

Assim, são muitos os caminhos e abordagens possíveis para que se trabalhe a educação ambiental com a responsabilidade que ela merece. A resposta está na finalidade, que deve prezar pela preservação e não a in-

dividualização, que segundo Morin (2007), promove a “atomização dos indivíduos”, que consiste na desconexão entre o que é educar para a educação ambiental e o que efetivamente se faz com ela, e ter-se-á uma forma de degradação da qualidade de vida. Segundo o autor, “[...] nosso mal-estar nasceu [e continua a nascer a cada dia] no bem-estar” (2007, p. 40). Com isso o autor declara que o homem está tão absorvido com os bens materiais que acaba deixando de lado o meio ambiente. Por isso, é importante potencializar o uso correto dos bens materiais e a sua real utilidade na natureza, e, com isso, dar um significado a educar para e com o meio ambiente.

E, pensando sob um aspecto geral e não só pedagógico, de fato, o avanço da tecnologia informacional permite que os indivíduos se insiram nos processos comunicativos com uma maior intensidade e no momento em que bem entendam ou queiram. Assim, a mídia entra nesse contexto como um elemento de acréscimo, de uma leitura de mensagens, formadora de conhecimentos. Assim, Bourdieu (1997) reforça que no meio jornalístico há uma dinamicidade de processos, ajudada pela tecnologia e também pela cultura da internet, sem, no entanto, abrir mão dos mecanismos estruturais de funcionamento, como a socialização e as dinâmicas de comunicação que se originam, da qual se produzem e se atualizam as visões das mais variadas de mundo.

Junqueira (2001) declara que as questões de linguagem e de representação têm, assim, cada vez mais importância para os estudiosos e pensadores da questão ambiental e social quando se referem às necessidades e possibilidades de transformação e emancipação dos cidadãos, pois cada civilização tem sua naturalidade. Dessa forma, percebe-se que a educação ambiental é uma forma de educar que abrange principalmente o respeito à vida em geral e também às várias culturas da Terra, pois as experiências de todos aqueles serão sempre exemplos concretos para o futuro

3.1 Educação ambiental x linguagens

Os mais variados meios de comunicação apresentam diariamente notícias e informações sobre acontecimentos que se relacionam aos aspectos naturais, como enchentes, terremotos, derramamento de petróleo no oceano, extinção de espécies animais e vegetais, acidentes nucleares, secas, etc. Diante de tantas cenas terríveis, chegamos à conclusão de que a sociedade vive um verdadeiro suicídio natural, sem volta, e estamos tomados de uma sensação de impotência. No entanto, também é possível verificar que muitas ações estão sendo realiza-

das a fim de promover formas de conscientização da sociedade.

Nesse sentido, a educação ambiental, que pode ser explorada de várias formas, tem a seu serviço a comunicação, que se encontra no campo das linguagens e que surge como forma de complementar a reflexão, a informação e o diálogo entre os seres humanos e com o meio em que vivem. O que nos remete a Loureiro (2002), que fala em ação territorializada, referindo-se ao movimento que ocorre entre os interesses e os conflitos que surgem na relação entre o patrimônio natural e a gestão democrática do ambiente. Então as linguagens vêm atuar no cenário ambiental, proporcionando a transformação da realidade, alterando a visão dos indivíduos. Pode-se dizer que ocorre o que diz Loureiro (2002): uma integração do natural com o humano dentro de um espaço fundamentado pela ação educativa. Assim, pode-se dizer que não é só a escola que educa, mas principalmente as relações que se estabelecem através da comunicação entre os indivíduos dentro do grupo social em que vivem. E isso, nos permite dizer que, dessa forma, ocorre a emancipação do homem através da comunicação.

Neste contexto, a educação ambiental transforma e passa a ser uma proposta que vem ao encontro de uma nova perspectiva de sociedade, conforme Loureiro (2006), que a caracteriza como democrática, participativa, crítica, transformadora, dialógica, multidimensional e ética. E isso tudo vem ao encontro do pensar e escrever, e, por sua vez, volta-se para a linguagem, que é o que nos faz exercitar o pensamento, escrever bem e principalmente compreender os fatos do entorno. O domínio da linguagem nos leva a aperfeiçoar o pensar e a nos tornar mais críticos; tudo isso facilita o processo de entender o mundo que nos cerca, além de não sermos presas fáceis de discursos verbais e não verbais de pessoas mal intencionadas da nossa sociedade.

As palavras e as imagens tornaram-se ao longo da nossa história parte da língua e surgiram frente à necessidade humana de comunicação. E da mesma forma que as sociedades evoluem, surgem novas necessidades e criam-se novas palavras e imagens para expressá-las. Assim, reitera Freire (2003) que o mundo é lugar da presença humana, em que há uma realidade objetiva que engloba tanto o mundo natural biofísico quanto o mundo cultural e dos quais o ser humano faz parte, pelos seus aspectos biológicos e pelo seu poder criador. O mundo não é somente suporte natural para a vida, mas no mundo o ser humano passa a estabelecer a sua identidade e fazer cultura.

3.2 Linguagem verbal e não verbal

O termo “verbal” tem origem no latim “verba- le”, proveniente de “verbum”, que significa palavra. Então, linguagem verbal é aquela que utiliza palavras – signo linguístico – na comunicação. A linguagem verbal se apresenta de duas formas: língua escrita e oral; enquanto esta é usada pelo interlocutor quando está frente a frente conosco, e, nesse caso, falamos com ele, segundo Amaral (2005), a escrita se apresenta quando ele está ausente.

A questão, então, é entender que entre o verbal e o não verbal tem-se a possibilidade de se estabelecer sentidos, os quais apresentam um papel importante nas mídias atuais. E é essa interação que ocorre entre estes signos, palavras e imagens, que invadem os meios de comunicação em geral, como jornais, revistas, televisão, entre outros, que vão se construindo e sendo absorvidas pelos indivíduos em sociedade. E é o que postula Joly (1996, p. 17-18):

A imagem contemporânea vem de longe [...] “Petrogramas”, se desenhadas ou pintadas; “petroglifos”, se gravadas ou talhadas – essas figuras representam os primeiros meios de comunicação humana. São consideradas imagens porque imitam, esquematizando, visualmente, as pessoas e os objetos do mundo real.

A imagem é representada por palavras, não da forma corpórea, mas imagética, assim como as palavras podem representar uma imagem, ou seja, ambas se completam e são produtoras de sentido. O leitor mune-se de um acúmulo de informações que, uma vez unidas às imagens se completam, dando origem à comunicação. Em suma, a palavra fala da imagem, a descreve e a traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Pois o que nos permite “ver” a sua existência é a forma material da imagem e não a sua correlação com o verbal, pois é como uma cena no cinema, que não precisa vir acompanhada pelo verbal. Entre o verbal e o não verbal não há oposições rígidas, tanto que são modalidades dentro de um mesmo processo de compreensão.

3.3 A mídia impressa na sala de aula

A palavra mídia tem sido largamente usada em nossos dias e principalmente utilizada no sentido de comunicar; assim, é importante trazer-se uma definição, que, segundo Tamanha (2008, p. 01), seria a seguinte:

O termo Mídia é originário do inglês media, que, por sua vez, veio do latim e significa meio. É utilizado para se fazer referência aos meios e veículos de comunicação. Os meios de comunicação são a

televisão, o rádio, a revista, o jornal, a internet, o cinema, etc.

As mídias tradicionais, no caso as impressas, sempre foram e serão usadas na sala de aula, pois ainda são as mais acessíveis. Mas também vêm sendo deixada em segundo plano, e às vezes nem são consideradas como mídia, porque se tem certo entendimento de que mídia é só o que se relaciona ao meio digital, embora muitos autores definam a mesma como formas de comunicação, como se pode perceber na definição de Lima (2003, p. 113).

Conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdo. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa.

Como deixam claro as duas definições anteriormente referidas, a mídia tem a função de comunicar, informar, e é o que se pretende ao usá-la em sala de aula. Portanto, a mídia impressa precisa ser valorizada e seu uso incentivado. A escola e os professores devem valorizar cada dia mais a mídia impressa, principalmente por ser uma ferramenta que remete à interpretação e compreensão do aluno. Além de ser um material de leitura, os alunos podem, com a ajuda dos seus professores, criar sua própria mídia impressa, o que fará com que os alunos também passem a opinar sobre sua própria leitura e produção. Por isso, os professores devem trabalhar com materiais de maneira crítica, e com assuntos que estimulem os alunos, e, dessa forma, ressaltar tudo aquilo escrito por eles. E até mesmo as imagens produzidas por eles podem e devem ser valorizadas. Por isso, é importante planejar atividades em sala de aula envolvendo as mídias impressas, para que não caiam no esquecimento.

Assim, a visão que se tem é de que a mídia vem para atuar na escola como um recurso a mais para ampliar as possibilidades de ensino à disposição do professor, sem falar que é uma forma de acabar com as lacunas que temos visto em provas e concursos os mais varia-

dos. É, por sua vez, uma forma de potencializar a aprendizagem da língua portuguesa de uma forma agradável, simples e direta. O material impresso é capaz de fazer a ligação entre a escola, o cotidiano, alunos, professores e comunidade e os principais fatos que ocorreram na cidade e no mundo inteiro.

É importante notar que a mídia impressa não é um suporte que vai substituir o uso dos livros ou outros materiais, e até mesmo o professor, mas sim complementar a aprendizagem e ampliar as possibilidades de atividades na escola, além de ampliar o foco dos alunos. Além disso, irá problematizar e contribuir com a discussão de vários temas na sala de aula, e, assim, será possível ter-se uma verdadeira educação ambiental.

RESULTADOS

As expectativas de realização de um projeto são muitas e por vezes frustrantes; todavia, não se pode deixar que nos desestimulem. No decorrer do projeto, aconteceram momentos que surpreenderam, como a proposta inicial, a vinda do palestrante, em que os alunos puderam fazer seus questionamentos e então tirar dúvidas. Notou-se a total falta de conhecimento acerca da questão ambiental, já que uma das dúvidas foi sobre a reciclagem e a existência de leis que protegem não só o meio ambiente, mas os seres vivos que nele circulam. Ficou em aberto a questão e necessidade de uma visita a uma usina de reciclagem para que seja visto como é feito todo o processo. Nesse sentido, percebeu-se que o primeiro objetivo de conhecer a questão ambiental foi totalmente realizado, pois, apesar de ser do conhecimento de todos, não são realizadas ações que efetivamente façam com que esse conhecimento seja aplicado. Considera-se que uma real aplicação deve ocorrer em primeiro lugar a partir da discussão, o que foi feito nesse primeiro momento.

A elaboração de conceitos do que seria educação ambiental também foi importante, pois, além de retomar a palestra, foram necessárias uma reflexão e discussão antes do consenso entre os participantes do grupo. Assim, novamente o objetivo de formular um conceito que fosse do grupo acerca do que seria educar para o meio ambiente também foi totalmente atingido, pois o grupo conseguiu expressar o conhecimento obtido após a palestra. Além disso, a problemática de que a escola não está isenta de problemas ambientais ficaram provadas nessa atividade. Pois, em geral, as pessoas não se dão conta dos problemas que estão a sua volta, e no dia a dia a acomodação faz com que se deixe de perceber fatos e situações que afetam a qualidade do ambiente e, por consequência, nossa qualidade de vida

Uma terceira atividade foi a pesquisa em jornais e revistas de representações de educação ambiental. Essa foi uma tarefa aparentemente fácil, mas que rendeu muitas aulas, tendo em vista que poucas publicações atuais traziam algo sobre o meio ambiente. O resultado dessa tarefa foi a reflexão de que, apesar de ser algo corriqueiro, o visual do desrespeito ao meio em que vivemos mostra-se com poucas ações encontradas nas revistas e jornais. E para comparação foi usada a mídia digital, exceto sites especializados no assunto meio ambiente; e, além disso, aconteceram discussões em torno da falta de divulgação do tema, que sempre se demonstrou de extrema importância e também complexa. Além disso, foi possível perceber que as práticas não podem ser estanques, determinando um período específico para o seu desenvolvimento, mas devem estar inseridas nas diferentes formas de trabalho da rotina escolar. Assim, optou-se fazer com que os alunos percebessem a interação existente entre a sociedade e a natureza e suscitar mudanças de hábitos e que levem à diminuição da degradação ambiental. E após apresentar a problematização, que consistia inicialmente na reflexão a respeito do seu entorno, começando pela sala de aula, possível verificar a melhoria da qualidade de vida e um olhar sobre o entorno da escola, como atitudes simples de selecionar o lixo, por exemplo. E percebeu-se que o visual da escola mudou em poucos dias, e até mesmo, questionando o pessoal da limpeza, foi dito que notaram a diminuição de papéis de bala, chocolates que não estavam mais no chão.

Como dito anteriormente, esperam-se resultados de um projeto. Embora muitos não sejam satisfatórios, o plantar de uma semente caracteriza-se como um resultado, na medida em que começa a brotar. Por isso, o projeto começou de forma simples e até inusitada, pois não se tem o hábito de ouvir falar em educar para o meio ambiente; o hábito de jogar um papel no lixo é normal, mas e a reflexão atrás dessa ação? Esse aspecto nunca é pensado por quem o faz; dessa forma, começou-se o desenvolvimento do projeto. E foi dessa forma que a discussão começou. Não bastou dizer que essa é uma ação automática, mas qual seria a razão por trás dessa ação. Questionados os alunos e participantes da palestra, perceberam-se mudanças, mesmo que tímidas a princípio. As suas respostas ressaltaram o ter-se respeito. E esse respeito foi do início ao fim do projeto, iniciado dentro de cada um dos alunos e estendido a todos os espaços.

Inicialmente, notou-se uma pequena melhoria na organização do espaço daquela turma, bem como nos hábitos da mesma, e, a seguir, pequenos valores como o descarte de objetos e atitudes que se formaram. Os alu-

nos consideraram este projeto muito importante para a formação de seus valores morais, e ressalta-se a sua aceitação deste tipo de atividade quando comparada à da forma usual, de conteúdos sem um projeto que os envolva. Por se tratar de alunos que estudam no noturno, nota-se a limitação no que se relaciona à visitação de uma oficina de reciclagem, já que no município ela funciona no diurno sem opção dos sábados, pelo menos no momento. Quanto ao restante, além dos alunos terem gostado da experiência, salientam-se a participação do grupo e a continuidade do mesmo, não como projeto por tempo determinado, mas indeterminado e parte da educação informal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se a grande potencialidade de comunicação, já que estamos em constante transformação. A comunicação eficiente não será aquela que proporcione o domínio de uma linguagem formal, mas a que entender a linguagem dos sentidos e das imagens. O saber escutar e falar a língua através das imagens é que nos tornará capazes de aprender. Além disso, a prática de leitura do material impresso precisa estar mais presente nas escolas. Muitas atividades buscam no jornal uma temática social que promova debate, sem, contudo, discutir os modos de dizer e suas implicações no sentido. Por isso, é preciso propor um assunto de interesse dos alunos, ou pelo menos que seja premente no momento, como foi o caso do proposto neste artigo, que é a educação ambiental.

Nesse sentido, a educação ambiental veio promover um diálogo entre os alunos com as mídias impressas, e, com isso, informando e comunicando como evitar que a presente geração preserve seus bens naturais para que as futuras não sofram as consequências. Como se pode notar, a comunicação é de suma importância para a questão ambiental, pois se trata de uma questão interativa e que por tabela está em constante mudança, acompanhando a evolução da sociedade em todos os seus aspectos.

Percebe-se que a educação ambiental tem grandes possibilidades de ser inserida nas atividades escolares rotineiras, sendo necessário tomar como foco principal de toda e qualquer atividade a questão ambiental que esteja inserida no contexto do conteúdo que está sendo desenvolvido. Não é necessário ser um especialista na área para falar em educação ambiental. Na verdade, todos somos (ou deveríamos ser) educadores ambientais, só nos falta a prática. Esta prática vamos adquirir na medida em que tivermos coragem de ousar. Aquilo que não soubermos, iremos aprender juntos. O

nosso maior desafio é começar, o resto são apenas atitudes e ações em conjunto.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Suely. **Pedagogia & Comunicação**, 2005. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/linguagem-verbal-e-aquela-que-utiliza-palavras.htm>>. Acesso em: 10 maio 2015.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 1983.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, jul. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1992000200007>
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRAGA, A. R. **A influência do projeto**: A formação do professor e a educação ambiental no conhecimento, valores, atitudes e crenças nos alunos do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- BRÜGGER, P. Os Novos Meios de Comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. Rio de Janeiro: Cortez, 2004.
- CAMPOS, Marília Menezes Freitas de. Educação ambiental e paradigmas de interpretação da realidade: tendências reveladas. **Interface**, Botucatu, v. 4, n. 7, ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832000000200017>.
- CAMPOS, Marília Menezes Freitas de. **Trajatória e Fundamentos da educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2003.
- GARRÉ, Bárbara Hees. **Notas sobre a educação ambiental numa perspectiva midiática**: uma possibilidade de gerenciamento da vida. Universidade Federal do Rio Grande/FURG, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2196/840>>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- GUIMARÃES, Mauro; VASCONCELLOS, Maria das Mercês N. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 27, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000100010>.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzelles. Campinas: Papyrus, 1996.
- JUNQUEIRA, Kellen. Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais audiovisuais. **Ambient. soc.**, Campinas, n. 8, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2001000800010&lng=en&nrm=iso>. Disponível online em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2001000800010>>. Acesso em: 04 out. 2014.
- KAWASAKI, Clarice Sumi; CARVALHO, Luiz Marcelo de. Tendências da pesquisa em Educação Ambiental. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982009000300008>.
- LEFF, E. **Ecologia e Capital**: havia uma perspectiva ambiental do desenvolvimento, México, Ciências Sociais e Formação Ambiental. Gedisa, Espanha, 1996.
- LIMA, Gustavo da Costa. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambient. soc.**, Campinas, n. 5, dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X1999000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X1999000200010>.
- LIMA, V. A. **Sete teses sobre a relação Mídia e Política**. Mimeo, 2003.
- LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTÍNEZ, L. C. A Responsabilidade dos Meios de Comunicação social. In: ERBOLATO, M. (org.). **Deontologia da Comunicação Social**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MORIN, Edgar. **Educar na Era Planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2007.
- ORDAZ, O.; VALA, J. Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In: MOREIRA, A. S. P., OLIVEIRA, D. C. (ed.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia, GO: AM, 1998. p. 27-38.
- REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. Arte-educação e meio ambiente: apontamen-

tos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental. **ARS**, São Paulo, v. 8, n. 15, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202010000100003>. TAMANAHA, P. **Planejamento de mídia**: teoria e experiência. São Paulo: Pearson, 2008. TOMAZELLO, Maria Guiomar Carneiro; FERREIRA, Tereza Raquel das Chagas. Educação ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos?. **Ciênc. educ.** (Bauru), Bauru, v. 7, n. 2,

2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132001000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132001000200005>>.

VALENTIN, Leirí; SANTANA, Luiz Carlos. Concepções e práticas de educação ambiental de professores de uma escola pública. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 16, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2014. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132010000200008>>.